

A LÓGICA DO SENTIDO E O PARADOXO DO TEMPO: OU, ALICE E O SORRISO SEM GATO

Maritza Maciel Castrillon Maldonado¹

Resumo: *Um chá maluco* e a teoria do sentido estabelecida por Gilles Deleuze em *A lógica do sentido*, a partir da obra de Lewis Carroll, são os intercessores utilizados neste texto para problematizar o tempo e suas maneiras de constituírem *Alices* e seus encontros. O texto fala de *cronos*, o tempo da continuidade, e de *áion*, o tempo do acontecimento enquanto devir, que foge ao hábito e impõe um ritmo que lhe é próprio. Os temas aqui apresentados foram problematizados com o desenvolvimento do projeto de pesquisa “Entre *espaçotempos* na Educação Infantil: *cronos* e *áion*/rotina e ritmo”, entre os anos de 2012-2014, e continuam agenciando com nossas discussões atuais.

Palavras-chave: Sentido; paradoxo; tempo.

*“Bem! Já vi muitas vezes um gato sem sorriso”,
pensou Alice;
“mas um sorriso sem gato!
É a coisa mais curiosa que já vi na minha vida”
(p. 79)*

Ela é Alice, uma menina que tem um nome que a constitui, que a designa, que lhe garante uma identidade. Ela acredita e deseja ser Alice. Assim, Alice nela permanece. Alice procura uma lógica, um sentido para a pressa do coelho em chegar.

Mas, ela é também uma história, um enigma, uma aventura; uma sobrinha que tem um tio que usa de preposições para compor um enredo. Um enredo disforme, que narra acontecimentos que colocam Alice em contato com um mundo desconhecido e que a transformam a cada novo encontro. Alice se perde em paradoxos e não sabe mais dizer quem é.

Alice, assim, transita entre “o ser do real”, como matéria das designações, o “ser do possível”, como forma das significações e o “extra-ser”, que define um mínimo comum ao real, ao possível e ao *impossível* (Deleuze, 2007, p. 38), que acontecem e insistem nas proposições.

Carroll nos coloca num círculo e nos reduz ao Paradoxo, esse é o alerta de Deleuze. Para o filósofo “a significação não pode nunca exercer seu papel de último fundamento e pressupõe uma designação irreduzível” (p. 19). Assim, ele nos remete ao Sentido, enquanto o expresso da proposição, que é irreduzível aos estados de coisas individuais, às imagens particulares, às crenças pessoais e aos conceitos universais e gerais; é irreduzível ao verdadeiro e ao falso. O sentido é o expresso, é uma entidade não existente. O expresso por Carroll é uma Alice que se perde... que não vê a diferença entre uma pergunta com resposta clara e distinta: “quantos quilômetros será que cai até agora?” (CARROLL, 2009, p. 15) e outra, sem resposta pronta, que faz o pensamento pensar e que, talvez, nem resposta tenha, como: “por que um corvo se parece com uma escrivinha?” (id., p. 81). Carroll faz, segundo Deleuze, a primeira grande encenação dos paradoxos do sentido, ora recolhendo-os, ora renovando-os, ora inventando-os, ora preparando-os. Em relação ao tempo esse paradoxo é exemplar.

-*-

¹ Professora Adjunta da UNEMAT, atuando no PPGEdu e realizando estágio de pós-doutoramento no PROPEd/UERJ-Bolsa CNPq, sob a supervisão da professora Dra. Nilda Alves. E-mail: maritzacmaldonado@gmail.com.



A cena se passa quando Alice chega à casa da Lebre de Março e se coloca à mesa com ela, o Chapeleiro, que tomavam chá, e o Caxinguelê dorminhoco. Após momentos de conflito entre Alice e a Lebre, o Chapeleiro pergunta: “Por que um corvo se parece com uma escrivainha? (p. 81). Alice para, pensa, se irrita com essa questão sem resposta e diz “Acho que vocês poderiam aproveitar melhor o seu tempo”, ponderando que o que fazem é perda de tempo. O paradoxo se impõe na medida em que questões desse tipo nos fazem pensar no sentido e no não senso, na ordem e no caos, presença e ausência do sentido enquanto co-pertencimento. Tempo perdido? Não. Tempo que se passa de forma diferente daquele tempo de *cronos* que Alice se acostumou. A cena continua... O Chapeleiro pergunta: “Que dia é hoje?” E Alice responde: “Dia quatro”. O Chapeleiro olha no seu relógio que marca o dia e diz estar atrasado dois dias. Alice acha o relógio engraçado e ele responde perguntando se o dela marca o ano. Alice diz que não porque “continua sendo o ano por muito tempo”, e o Chapeleiro responde: “O que é exatamente o caso do *meu*”. Embora Alice e o Chapeleiro estivessem falando a mesma língua, “a observação do Chapeleiro não fazia nenhum tipo de sentido para Alice”. Quando o Chapeleiro perguntou novamente se tinha já havia decifrado o enigma. Alice disse: “não, desisto. Qual é a resposta?”. O Chapeleiro responde: “não tenho a menor ideia” e a Lebre concorda: “nem eu”. Alice irrita-se: “Acho que vocês poderiam fazer alguma coisa melhor com o tempo do que gastá-lo com adivinhações que não têm resposta”. E o Chapeleiro: “Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu falaria *dele* com mais respeito. (...) Atrevo-me a dizer que você nunca chegou a falar com o Tempo!”. Alice responde: “Talvez não, mas sei que tenho de bater o tempo quando estudo música”. Mas, segundo o Chapeleiro, o Tempo não suporta apanhar. E prossegue: “Se você e ele tivessem em boa paz, ele faria praticamente tudo o que você quisesse com o relógio”. É assim que o Chapeleiro faz? Controla o tempo, conversando com ele? É possível parar o tempo? Alice procurava um sentido para essa questão. Mas, o Tempo sempre escapa, mesmo ao Chapeleiro que foi acusado de “assassinar o tempo” pela Rainha de Copas em um concerto. No ato da acusação, ele, o Chapeleiro parou com o Tempo: “Brigamos em março passado. (...) Ele não faz o que peço! Agora, são sempre seis horas”. Ao ir embora Alice conclui: “Foi o chá mais idiota de que participei em toda minha vida”. Ela continuava procurando um sentido para a pressa do coelho, e, ainda mediada por sua polidez ajuizada, queria explicações razoáveis para tudo. Mas, vai se perdendo nos encontros... fazendo pausas, interrupções, cesuras. Vai perdendo a identidade e percebendo o acontecimento do Tempo enquanto devir. Sensibilidade, é isso! Tornar-se sensível às múltiplas maneiras de se relacionar com o Tempo. Alice se enlouqueceu com isso...

-*-

O tempo parado, vivido pelo Chapeleiro, pela Lebre de Março e pelo Caxinguelê soou-me *acontecimento* enquanto *devir*. Falar de devir é falar com Deleuze. Mas, falar de devir com Deleuze, é falar de muitos temas, dentre eles, de subjetividade, para além da identidade. É falar de subjetividade como “ponto de cruzamento de energias coletivas”, “feixes de fluxos”. Assim, é falar subjetividade, com Deleuze e Guattari, é falar das múltiplas Alices que se constituem enquanto devir, experiência, acontecimento. Deleuze, reportando-se a Péguy, explica que há duas maneiras de considerar o acontecimento:

uma consiste em passar ao longo do acontecimento, recolher dele sua efetuação na história, o condicionamento e o apodrecimento na história, mas outra consiste em remontar o acontecimento, em instalar-se nele como num devir, em nele rejuvenescer e envelhecer a um só tempo, em passar por todos os seus componentes ou singularidades (DELEUZE, 1992, p. 211).

A primeira maneira de tratar o acontecimento seria a maneira histórica. Entendendo a história como *sucessão*, tempo que os gregos denominaram *cronos*, o tempo da medida, da continuidade que segundo Deleuze e Guattari, “fixa as coisas e as pessoas, desenvolve uma forma determinada de sujeito” (DELEUZE e GUATTARI, 1997: 49). O tempo da profundidade que insistia em permanecer em Alice. Segundo Nietzsche, nada de importante se faz sem uma “densa nuvem não histórica”, pois o que a história capta do acontecimento é sua efetuação em estados de coisas, mas o acontecimento em seu devir escapa à história (DELEUZE, 1992, p. 210). A questão sem resposta do Chapeleiro à Alice também escapa.

O tempo-devir é o tempo *Aion*, que, para Deleuze e Guattari,

é o tempo indefinido do acontecimento, a linha flutuante que só conhece velocidades, e ao mesmo tempo não para de dividir o que acontece num já-aí e um ainda-não-aí, um tarde-de-mais e um cedo-demais simultâneos, um algo que ao mesmo tempo vai se passar e acaba de se passar (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 48-49).

Os encontros do sonho de Alice a tornaram outra. Agora, ela já não é mais a Alice que permanece. O tempo-duração permanece em Alice quando ela sente o gosto bom da mistura de “torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, puxa-puxa e torrada quente com manteiga”, tudo no mesmo instante dos acontecimentos. Alice inquieta-se com o “massacre do tempo”, a destruição da medida, a supressão das paradas e dos repousos que qualificam e fixam (Deleuze, 2007, p. 82). E se perde nas direções simultâneas e discordantes de *Aion*. Alice sobe à superfície.

Aion é a segunda maneira apresentada por Péguy para considerar o acontecimento. É o tempo flutuante em relação ao tempo formal de *cronos*. Duas maneiras distintas de temporalidade, dois modos distintos de individuação. Ao modo de individuação propiciado pelo tempo de *aion*, Deleuze dá o nome de *hecceidade*. Enquanto hecceidade, um corpo não se determina pela forma, nem como substância, ou sujeito determinado. O corpo se define pelo conjunto de elementos materiais, ou pelas coordenadas espaço-temporais que lhe pertencem. Assim, para Deleuze e Guattari, não somos mais que hecceidades, ou seja, somos

longitude e latitude, um conjunto de velocidades e lentidões entre partículas não formadas, um conjunto de afectos não subjetivados. [Temos] a individuação de um dia, de uma estação, de um ano, de uma vida (independentemente da duração); de um clima, de um vento, de uma neblina,

de um enxame, de uma mantilha (independentemente da regularidade) (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 49).

Tempo-rítmico... esse o paradoxo tempo-sonho-alice apresentado por Carroll. Tempo-estilo onde coexistem corporais e incorporais, *cronos* e *aion*... Tempo-paradoxo, amigo que te puxa e te empurra, deslocando-se sempre no plano da imanência. O plano que para o tempo a cada novo acontecimento.

O clima, o vento, a estação, a hora não são de uma natureza diferente das coisas, dos bichos ou das pessoas que os povoam, os seguem, dormem neles ou neles acordam (id, 1997, p. 50).

Aí se percebe o tempo como acontecimento incorpóreo, sem passado, sem futuro. O tempo presente, que é plano de encontros de corpos que faz cintilar o puro expresso, que é devir: “não a espada, mas o brilho da espada, o brilho sem espada como o sorriso sem o gato” (DELEUZE, 1997, p. 32).

Referências

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no país das maravilhas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.